

INÉDITOS

MAIARA GOUVEIA

“... Agora estou sozinha com meus peitos, minhas coxas, meu útero. Destruo os instrumentos do meu cativeiro: a cadeira, a mesa, a cama. Destruo o campo de batalha que era a minha casa. Arranco as portas coalhadas, pra deixar entrar o vento e o grito do mundo. Destruo as janelas. (...) Incendeio minha prisão. E atiro meus vestidos ao fogo. Arranco do meu peito o relógio que era meu coração. E saio à rua, vestida em meu próprio sangue.” Heiner Müller, em *Hamlet Machine*.

água-viva

apanho algas sob a espuma | as mãos possuídas pelo tato | de uma civilização inteira
convertida em sal \\ desenho isso na pele | salgada e escafandrista \\ digo baixo: estas
letras de musgo | são orla pra respiração | e ela queima | é crina de égua onírica | à solta |
entre noite e mar \\ anotam: *nightmare* | na página-ardentia | e minhas são as falhas que
cintilam | é consentido | mas o cheiro forte de sangue | atrai o oco escancarado | na cara
do predador \\ então afundo | os dedos em cada fenda | como se abrisse mapas | uma
cartografia de infinitos provisórios | onde encostar espáduas | durante a exposição | do
rosto | à batalha: \\ nenhuma cerca ou muralha | contra o espelho | da mulher ante Ló |
o nome dela | sob a nudez salina | e a nudez é intolerável | por isso reinventa veste &
máscara | entre os mitos da memória ou da impressão | contra toda surdez | e isso é
fender | imagens de um culto antigo | mesclado à paisagem | aclamado | é molhar
contratos e ainda | exhibir o tamanho do mar | é uma afronta | então anotam: *nightmare* |
a égua à solta | cava a boca aberta | a cicatriz vazante | ante a história incinerada | e a
noite | sob as mãos \\ isso | é apanhar a música do salto | beijar a queda | (mas não digo)
| sumo na espuma | canto alto: a insaciedade é irremediável | o mundo não | e a pele
inteira | é possuída pelo rasgo | bárbara | exótica | água-viva | sob o céu das gaivotas |
sob o som

chuvarada

“Vi coisas em que vocês, humanos, não acreditariam. Navios de guerra em chamas no ombro de Órion. Testemunhei raios-c a brilhar no escuro perto do Portão Tannhäuser. Todos esses momentos serão perdidos no tempo, como lágrimas na chuva.” Roy Batty (Blade Runner, Ridley Scott, 1982)

falo da face mergulhada neste espaço | onde se mostra a nudez | e é indecifrável | falo do mar | entre as mãos de açúcar | e do talhe salino | da mulher que olha pra trás | falo da trilha fluvial | ou da sombra de aquário | a encobrir entrelinhas | na página molhada | falo da água-viva | ante o calcário | ante a muralha | contrária ao trabalho invisível: braçadas e braçadas \\

falo da artilharia contra o naufrago | contra o frágil | equilíbrio dele | entre um resto de solidez | (como um pedaço de tábua) | e a força marítima das razões | (onda após onda) em torno do precário | falo da coleção de facas | na ponta de uma língua | mirando o ponto líquido na testa | de um inimigo imaginário \\

falo da cuia | entre o rio e a flor de lótus | e do apelo pluvial | sob séculos de água | falo do anseio aquático | falo de *lágrimas na chuva*

incendiário

só o incendiário habita este mapa | onde cada limite inaugura | o decifrável e o indecifrável
\\ só o cavalo incendiado | de crina acesa | fúria veloz | sob o arqueiro | aquém da corda
solar ou seta: | esta pauta | corola sob a lua incendiada | e as patas queimam \\ cada
nome | sonoro | luminoso | crepita entre as cartas | inventa | intervalo por intervalo | o
arqueiro | a seta | dentro do som | e esta paisagem | esta | onde perambulamos | com
fiapos de história | vozes inflamáveis | cheios | de estranhas cartografias | imanências \\
e só o incendiário | está aqui | no rude espaço da respiração | no rude espaço onde a
respiração entorna | cifra por cifra | e até a fala | queima

respirar com garras

ali onde os dedos entornariam garras | e o título de um livro: *trabalhar cansa* (cesare pavese)
| oculto à boca | ainda cheia de insultos sufocados | quando a claridade mórbida é uma
sala de espera | e os navios de lata: canto de uma terra morta | de uma língua extinta \\
não é preciso | arrancar lirismo da pele exausta | ainda que depois das cordas | em *o guesa*
(sousândrade) \\

ali onde as garras acenderiam brasas | o título de um livro: *a plenos pulmões* (maiakovski) |
exposto à boca | cheia de desejos declarados | quando o multicolorido é um rito de
passagem | e os navios de lata: canto de uma terra calcinada | ou da língua insone |
enquanto a voz | suja ruas com entreatos | arrancar da pele | o lirismo | ávido e | avesso
à farsa | ainda que depois das asas | que depois | do fôlego \\

a resistência é \\

respirar com garras

pega esta costura de golpes inaudíveis

e chamo o ricardo corrêa da silva | desconhecido como fofão da augusta | fala a partir de uma identidade desalojada | (como se a identidade | fosse um membro amputado) | diz: “ele precisa parar | de caminhar na dor | ficar ‘aí, ele é dodói’ | e aceitar calor humano” \\
cálida é sua travessia | em cada vértebra de rua | em cada quarto de passagem | onde se deita | quem mais não está | alocado no corpo \\

e chamo a stela do patrocínio | desconhecida como outro reino | com a existência despejada | pela ciência instauradora da loucura | fala de dentro da derrelicção | e é quase lírica | diz: “meu nome verdadeiro é caixão enterro | cemitério defunto cadáver | esqueleto humano asilo de velhos” | “tinha terra preta no chão | um homem foi lá e disse | deita aí no chão pra mim te foder | eu disse não | vou me embora daqui | aí eu saí de lá | vim andando” \\

por esse espaço | na medida de um não | de onde se pode sair em pé da violência |

chamo a estamira | desconhecida desde antes de nascer | fala de dentro de uma consciência capaz | de sobrevoar o depósito dos restos | diz: “agora a pessoa não pode mais ter perturbações mentais? | não pode?” | “eu transbordei de raiva | eu transbordei de ficar invisível com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade, com tanto trocadilo, eu, estamira” | “eu sou a beira do mundo” \\

pega esta costura de golpes inaudíveis | & amarra | na seta apontada pro alto \\ o golpe é na carne | é na cara | é à faca

urdidura

para Marcella Andressa Becker e Roberta Ferraz

ali | no alojamento entre as mortalhas de penélope e amaranta | ali | a nudez de perfis
esquálidos | mulheres | entre réguas e relicários | orfandade à mostra: toalha | às visitas
acidentais | púbis aos pássaros | bicos azulados e frenéticos | das aves | dos mamilos
invernais | da morta | e ela assopra cicatrizes | abre as mãos | em concha | quer o rombo:
o espaço entre o corpo e o corpo | ou: as sobras do corpo incorporado | sombras | réguas
| relicários | penelopeia | amaranteia: o forro da história | linha vinho | & perfurante |
roberta | marceli | o sumo das funduras com máscaras de fogo | vivas | criaturas de pano
e luz e susto e lava | areia toda em água verde | aguardente | espalhada | incontida | carne
do mundo | carne-nome | & o ofício de desmaterializar as vértebras até a parte | de uma
prece-ficção | circense-cinematográfica | a pele e a rua amalgamadas até o cerne | da
nudez | de novo | e na face esmaecida | a urdidura do orfanato | o ponto exato entre as
mortalhas | de penélope e amaranta.

ínfima lavoura

apalpo esta cidade branca – distância pouco a pouco calcinada – (entre o) corpo aberto, à
revelia das tocaias, (e o) país sem nome | entro na cidade estrondo | não só dos mortos |
que se acumulam brandos | não só dos mapas | em casas subterrâneas | exibio o frágil na
trilha movediça (entre os) cicios e o campo de batalhas e aqui na minha testa, escrito em
brasa | estendo um mapa da cidade sopro e arremesso a cifra – ínfima lavoura – entre a
nudez e o incomunicável

e tudo resiste à forja

pluma, atalho, água e fumo: vida curvilínea | o perfume emoldura o mistério | o que sobe e some | rastro de toda intriga: da violência ao êxtase | digo: o comediante | o de língua ágil e fala contundente | a cantora lírica | o tira-dentes | a trapaça do homem triste | o zunido da vespa | a beleza | a que entorna | silêncio | cheio | de agulhas luminosas cristais elétricos | jorro | de algo pleno | e leve | o suposto infinito | entregue | na coleção de cifras \\ toda matéria | é um ponto dolorido | e esvaece | filigrana de uma sensação aberta | por exemplo, esta | que se inventa dentro | da ferida aberta | som-desenho | sílaba | som dentro da cabeça | espiral de filigranas | como um credo | barca-íliada espelho \\ o próprio corpo, como toda travessia, dentro | (da sensação aberta) | pele como livro | amálgama de ilegíveis de espaço e pulso | onde o fluxo | de sangue | altera \\ o tom | e chove dentro do sonho chove | o pássaro flutua na pauta entre os dedos \\ antes do voo (o voo) antes da música (a música) | e tudo resiste | à forja | destrói sílabas burla | cada linha úmida | de pele a pele \\ até que o sangue menstrual encharca a cidade | e estamos lúcidos | a vida sibila depois perfura | a terra | dorme no poço | como a deusa | agora talhada em pedra | perto dos papéis | balofos de clareza | há muita elegância | nas megalópoles | sobre o cancro sobre a lepra | as pálpebras abertas | entre as mandíbulas | carne violeta \\ dor onírica | de uma dor \\ em carnadura exuberante | a própria pele | a própria pele | enquanto as luas se cruzam em falhas barulhentas | o esquecimento traz martelos | estribilho | das perdas dos espaços desolados \\ um encanto impreciso contorna outra música | uma elegia canta outro mistério | ponho a concha do ouvido | na tua boca: () digo: fica, fica | faço um furo neste canto | a morte é a sombra do fio que ele deixa | passar

meu ofício é traduzir o invisível

meu ofício é traduzir o invisível | e como ouço | enquanto ouço | o alheio musical: minha
própria língua | refeita em clareiras de sentido \\ crio isto: o que só pode decifrar | o
próprio enigma | e nesse gesto rearranja cada cifra \\ desenho este lugar fora dos mapas |
e em cada fragmento de sentido | finco a inaugural cartografia

entre o instinto e a arquitetura

somos orla | de toda forma | aquática | como anseio fluvial | no espaço | marítimo |
ancestral esta boca | que te engole até o íntimo | cada artifício | que as paisagens
corpóreas multiplicam | sob o antigo continente | sanguíneo | entre o instinto e a
arquitetura | ondas ígneas | corolas | ainda mais velozes do que isso | entre cada nome e
o seu | correspondente não dito

mirante

a) e as fronteiras agora | são países inteiros: | o flanco | a pele muito quente | e a lama em pontilhões | (labareda e azul intenso) | e o galope | das feras | feitas | de sopro e sal | e os olhos | em fundo mergulho | são povos | inteiros | e cada continente pontilhado | por trabalho invisível:

b) palavra. | e as fronteiras agora | desfaço | num tipo de norte | um tipo inaugural | de lucidez:

c) _____ fio de pólvora | ante a chama (bataille às avessas: | o edifício | dilacera (...) \\ nadar e nadar | entre o sopro e o corte | não há porto nem destino | só lavra | antes de a água | subir tanto_____

d) _____ fazer fôlego | (só isto pode ser | erva daninha | à linguagem-instrumento)

e) há outra? | o aberto | e coincide | com o hálito das feras* | ávida é a falha | no parapeito | e tudo quer

f) fecundar | o paraíso textual. | com a língua-dinamite: | clarezas são enganos,

“vem ler a casa do devir, do fio à fresta da folha. Veste o jardim dos paradoxos e dos risos de Parasceve. Acende a tua vela sobre a luz visceral da noite obscura: perscruta a flama do enigma entre o arrepio e a instigância. Atravessa o indizível de que somos feitos: fendas, silêncios, veias de papel, palavras, nascentes de exílio.”,

diz Maria Gabriela Llansol | e repito: * “desviamos o olhar para trás e o espaço livre perdemos”, Rilke

g) antes acender dentro dos livros | a nudez inacessível (coisa-fora da palavra), uma | fissura-utopia | e a inquietude toda

h) pra atravessar esta escrita-vontade

i) isto.

#anotação é uma fúria amorosa | este espírito de escrita | é uma fúria amorosa | e lasciva | e as árvores surgem | em equações linguísticas | e a escrita amorosa | aquece vozes | presas na distância flutuante | das possibilidades criativas \\ isto é a fúria | e amorosa: | arrancar da madrugada mais um livro | é uma fúria amorosa | e lasciva

trilha

migalha 1 como se a morte viesse e nos visse | sem nenhuma resposta importante | ainda que o nome a ser apagado | em breve brilhasse | em cidades | também percíveis

migalha 2 e nunca se perde nada | quando se entende a despedida

migalha 3 o que a gente conta é moldura do que não conta

migalha 4 a presunção de saber é uma cegueira armada

as três dimensões

lendo Gilgamesh, aquele que o abismo viu

primeira dimensão da escrita (a máscara-espelho) traçar no barro a primeira camada: o desenho reinaugura um corpo | por isso o primeiro corpo é de barro | é de barro este corpo alusivo | que pode perdurar

segunda dimensão da escrita (certamente morrerás) na mesma tábua de barro onde o corpo | pela primeira vez entoa e grava | o espanto de ser | (volátil) | pela primeira vez despeja | imagem | codificada | e guarda no gesto | a possível consciência de ser | (todo signo) | de ser | em espanto e enredo | uma cifra | e tão líquida | luminosa | quanto precária | mas ainda inteiramente viva | e guardada | na coleção de riscos

terceira dimensão da escrita (depois do dilúvio) a primeira escrita | feita de sopro e barro | é matéria & hálito | aí se enterrou o tesouro mágico | uma semente da árvore da vida | onde se enrosca ainda | a mesma serpente | que joan brossa, pe, divide | em duas páginas | e são as três dimensões | como as cabeças de cristo | o resto é barulho de água

beira do mundo

baralho de sílabas na mesa das águas | suave é o barulho das “marcas marinhas” | nesta
fornalha incendiada | o dialeto | deste país marítimo | a debulhar delírios | na ilha sem
margens | porque tudo o que é vivo__ escapa | com este brilho sonâmbulo de tudo o que
é vivo | pele ou pluma ou manada – em fuga – (acende) n’água | o que cai | sílaba a sílaba
| até esta asa | de ave ancestralíssima | rasgo | dentro da espuma | nudez inatingível | ou
baralho incendiário | dentro do jogo incendiado | como os degraus que caem | enquanto
subimos \\ aos abismos aéreos [*mas é justo falar do de cima, se o de baixo nem sabe onde colocar os
pés? – hilda*] à beira de tudo o que queima beira [*sou a beira do mundo – estamira*] de tudo o que
respira – ferido e ofegante – neste campo branco e de flores brancas a rolar dentro do
escuro [*reino dos bichos e dos animais é o meu nome – stela do patrocínio*] como laranjas frescas
derrubadas | de uma cesta a rolar dentro | da máquina | de luz | olho aberto | colher
recipiente alquímico | ilha de miragens | sem margens | o que está aberto | aberto [*romper
a linguagem para tocar na vida – artaud*] casa líquida entre a ruptura | e o tempo-réptil | no
templo sem muralhas \\ o que é fecundo | crepita

(ainda sem título)

antes que se rompa | minha voz , antes | que isto | escorra da letra ao porto | antes que este rosto (por um fio) | vaze na ausência repartida | e em som & sopro | nesta fenda-escrita | antes | respiro a tua voz: cinema e tinta | casa oceânica | de luz submarina | com cheiro forte de sabão e estrebaria | ou de frutas e galhos e folhas |ou de roupas flutuantes em varais vivos | em fotografias gastas com notícias | do fim do mundo na boca do amante | o que recolhe estrelas em tuas espáduas retorcidas | antes | avanço entre | teus objetos indomáveis | convertida em fio e corda | de instrumentos musicais | antigos: cordão de água | barulho quase místico | do que evapora em aromas | e antes disso | acordo ovo de luz num relicário | acordo | duplicada e lúcida | na tua voz-abrigo

nome

como o sumo de uma fruta improvável | como a cena oculta contra a música de fundo | o nome encarna a parte azul do fogo | o nome acende laranjas frescas | o nome é o disco solar e acolhe | a coroa de flores, a dança dos dervixes | o nome é a escada no sono dos bichos | o nome é úmido e queima | o nome é o poço de água limpa aos tuaregues | o nome é a distância, a tenda e a pele | o nome é maciço como um punhado de areia | o nome é um estrondo, a sinfonia arcaica | o nome é uma pauta de animais aéreos | o nome é a única nudez, a inatingível | o nome não está aqui | o nome é isto

Cosmogonia | 26.02.19

Fazer da sua figura uma fonte
é como ler arcanos.
Partir da imagem dúbia do Louco até
chegar à síntese: O Mundo. Leio
suas mãos neste baralho.
É um jogo místico. Atravesso
as linhas na sua pele. Engulo,
signo por signo,
sua beleza muda e dolorida no meu sexo.
E o prazer me acossa como um pedido
insistente. E alto
os poros imploram
sua língua dentro
da noite calma, moldura indiferente
à vindima de desejos.
Vindima
porque o aroma de uva fermentada sobe
à imaginação enquanto o sangue se concentra:
universo
pronto pra explodir desde a densidade
num poema.
Febres oníricas se esfregam entre as coxas:
as chamas feitas do tumulto de lençóis,
as casas móveis a habitar os sons
suspensos.
E as imagens enlouquecem
como os seios gigantes na sua boca,
este cinema aéreo, o desgoverno
dos sonhos em vaivém
nos orifícios. E fundo
mais um imprevisto
ante a sorte e o oráculo.
Raízes do futuro a incandescer detalhes
nas cartas do tarô.
E na dobra do destino em lemniscata,
meu corpo e o seu
multiplicados como partículas
de um cosmo-espelho.
E fundo
galáxias inteiras
a refletir seu rosto, seu dorso, o enigma
da sua figura em mim, fonte
de toda a criação, espanto
oceânico na pele
até
o ápice: a implosão
do universo.

Porque tocar é através | 25.02.19

Por entre os resquícios do prelúdio,
um ganido de algo bem antigo
encobre ganas.

É um tipo de engano
entre nós como um biombo.

Enquanto espreito a destreza
escrita (em letras garrafais) nas invisíveis
cicatrizes do seu rosto.

Ainda espero que me cace
entre os séculos dentro
dessa taça de absinto.

Uma fervura alcoólica
a molhar o fôlego ou
minha respiração interrompida

entre as falhas exibidas como enredo
– porque a história é minha máscara.

Por entre as releituras do seu nome,
um capítulo em que arranco
páginas inteiras. Grifo
palavras não ditas, cenas
entre nós como um susto
bom. Enquanto decoro o floreio
da fúria em destaque na insensível
ausência do seu corpo.

Ainda espero que me ache entre
as constelações dentro
desse pote de tinta.

Um risco viscoso
a lambuzar os dedos ou
minha sanha interrompida

entre o silêncio & a promessa
– porque sua ausência é mais de um livro.

Por entre as armadilhas da pele,
essa textura quente e ávida
entre nós como um preâmbulo.

É um tipo de rasgo
antes do beijo, antes
do toque inscrito
(em letras garrafais) na inatingível
exposição.

E ainda espero que me rasgue entre
eternidades dentro
desse hiato

entre a nudez & a narrativa
– porque tocar é através. É através.